

Artes Plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

Exposição de Ivan Serpa

O movimento artístico do Rio, melhor dizendo, o movimento de exposições nesta cidade quatrocentona, está se tornando vertiginoso. Se o colunista deseja acompanhá-lo de perto acaba com males de vertigem, isto é, tonto e sem saber nem por onde começar. As exposições se sucedem numa quantidade que reduzem o tempo para vê-las a um mínimo ou a nenhum. Seria preciso dispor de uma página toda inteira do Jornal para corresponder ao dever de informar necessariamente sobre tudo que é mostrado no Rio, em matéria de arte plástica.

Quase nos foge a ocasião de fazer-lhe a merecida apreciação. E quando a ocasião por fim é encontrada, permanece a restrição do espaço. Como tratar devidamente de uma exposição que tanto se destaca, como a de Ivan Serpa, no Museu de Arte Moderna, neste palhinho de coluna?

Será possível condensar aqui, tanto do que se deve dizer de uma mostra que carrega sentido para um amplo discurso? É sempre perigoso, se não impróprio, traçar considerações sobre a obra de um artista sem uma definição demorada das idéias que levam a perseguição ou daquela maneira breve o que está sendo mostrado.

Isto se acentua, quando o artista expositor se encontra em uma fase nova de sua evolução e essa fase não representa um singelo dearran ascendente, mas uma total mudança de critérios no sentido da criação artística. Quando o artista passa o imediato para um terreno outro, e no qual sua personalidade de parece transmudar-se a ponto de criar uma incompatibilidade com seu próprio passado.

Pode a crítica aceitar facilmente essa transformação? Cabe à crítica a humildade de receber esse gesto violento sem alguma surpresa? Naturalmente que o artista tem a liberdade de proceder como bem entende ou como lhe impõe seu sentimento afetado pelos impactos que a realidade da vida faz transbordar das retenções sentimentais.

A Exposição de Ivan Serpa vem já defendida por dois bravos generais da crítica. Seu catálogo traz, com o desafogo de espaço com que não pode contar este colunista em sua rubrica, a defesa da obra e da personalidade do expositor na autoridade dos críticos Clarivaldo Prado Valladares e José Roberto Teixeira Leite. Não será demais, não será errado acreditar, que quando um artista se apresenta em público assim escudado, já predispõe a inutilidade qualquer opinião em contrário.

Ambas as apresentações são francamente consagratórias e nada resta a dizer além do que está dito muita autorizadamente pelos dois críticos. Qualquer restrição, por pequenina que seja, viria mais a parecer uma restrição à própria opinião da crítica que se manifesta no catálogo da Exposição do que à obra exposta.

O habito de inserir críticas consagratórias nos catálogos da exposição, que tanto se generaliza atualmente, corresponde a dizer, claro e bom som, que o expositor está satisfeito. Seu público será informado pelos prefaciadores do catálogo. Estes é que têm razão. O restante é polêmica. O mais será apenas publicidade, provocação não

desprezível de um pouco mais da curiosidade pública. Opinião, mesmo, é aquela que o catálogo traz. Isto porque, quer ouvir uma opinião sobre sua obra, não dá destaque especial a opinião que, pela autoridade que carregam, já assumem toda a responsabilidade perante o público.

Formamos entre os que mais estimam a personalidade artística de Ivan Serpa, e dos que sempre estão prontos a ver em sua obra o testemunho de uma capacidade artística de inegáveis méritos. Por isto sentimos a vontade para discordar do apreço irrestrito que se quer dar às telas de maiores proporções que figuram em sua presente exposição e são imensas cabeças ou articulações ósseas, sempre numa tétrica expressão.

Não será essa tétrica expressão que afeta nossa opinião, mas a debilidade da solução retórica que toca muito o melhor sentido plástico de tais composições. Há convenções dramáticas em vista do trágico funebre que se constituem do emprêgo dominante do negro, contrastado por brancos de uma pureza total e marcas, aqui e ali de amarelo.

A qualidade pictórica que as telas de Serpa não se basta um milímetro da técnica dos materiais do uso corrente, é muito fraca. Falta densidade expressional na própria matéria pictórica para fazer equivalente à expressão dramática que nos parece o problema a que se propõe dar solução o artista. Falta para grandeza do conteúdo, necessário apoio formal que era o calor para a vivência autêntica da obra de arte. Ivan Serpa continua a afirmar muito mais com os trabalhos menores, que são muitos dos desenhos a pena esferográfica e algumas das composições pequenas em aguadas de nanquim. Há aqui uma verdadeira grandeza, segurança do artista que é Ivan Serpa.